Marcos militares na saúde da Primeira Guerra Mundial: atuação do Exército Brasileiro no combate à gripe espanhola

Military milestones in health during First World War: Brazilian Army's role in fighting the Spanish flu

Aline de Azevedo Pereira*; Antônio Rodrigues Braga Neto

Resumo

Nos bastidores da Primeira Guerra Mundial, a população morria por conta do surto de Gripe Espanhola. Nesse cenário caótico, o Brasil mobilizou soldados e convocou membros da Missão Médica Brasileira para fornecer ajuda à população europeia. Destacamos o trabalho histórico do Exército Brasileiro na pandemia de gripe durante a Primeira Guerra Mundial. Foram selecionados 10 artigos para busca originados da plataforma do SCIELO, BIREME e LILACS. Estes serviram como base para essa releitura crítica e resenha ora apresentada. Em 1918, durante a Primeira Grande Guerra, o território europeu passou por uma séria crise no âmbito da saúde pública. Por mais graves que tenham sido as consequências na área sanitária, é inquestionável o progresso médico militar durante esse período. Não foram apenas marcos profundos na vida da população mundial afetada, mas também na História da Medicina, permitindo que a medicina militar brasileira ganhasse forte reconhecimento e renome. Dos países que prestaram auxílio médico, para aliviar os transtornos do surto da Gripe Espanhola, no início do século XX, o Brasil teve atuação de destaque e, além disso, adquiriu uma fonte de conhecimento inestimável para os médicos das Forças Armadas no combate em prol da saúde. Através da atuação do Exército Brasileiro, foi ampliado o conhecimento médico dos profissionais que enfrentaram o surto de gripe espanhola na Europa, além da importante assistência que foi dada à população.

Palavras-chave: Médico; Influenza Humana; Gripe Espanhola; Medicina Militar; Militares

Como citar esse artigo. Pereira AA & Neto ARB. Marcos militares na saúde da primeira guerra mundial: atuação do Exército Brasileiro no combate à gripe espanhola. Revista Mosaico 2016 Jul./Dez.; 07 (2): 15-18.

Abstract

Behind the scenes of World War I, the population died due to the outbreak of Spanish Flu. In this chaotic situation, Brazil mobilized soldiers and summoned members of the Brazilian Medical Mission to provide assistance to the European population. We highlight the historical work of the Brazilian Army in the flu pandemic during World War I. Ten articles were selected from SCIELO, BIREME and LILACS repositories. These served as a basis for critical review and reinterpretation presented here. In 1918, during the First World War, the European territory underwent a serious crisis in public health. Even though there were severe consequences in sanitary issues, the military medical progress during this period was unquestionable. This period left profound scars in the life of the affected world's population, but also created milestones in the history of medicine, allowing the Brazilian military medicine to gain strong recognition and reputation. Among the countries that provided medical assistance to relieve the turmoil caused by the outbreak of the Spanish Flu in the early twentieth century, Brazil had an outstanding performance, acquiring an invaluable source of knowledge for the doctors of the armed forces in the fight for health. Medical knowledge for health professionals facing the outbreak of Spanish flu was amplified through the actions of the Brazilian Army, also providing essential assistance to the population.

Keywords: Physicians; Influenza, Human; Spanish Flu; Military Medicine; Military Personnel.

Introdução

Atualmente, o estudo dos marcos históricos no âmbito da Saúde Coletiva vem adquirindo cada vez maior valor e reconhecimento. Muitos profissionais da saúde estão realizando uma busca ativa desses dados em razão, principalmente, da aprendizagem por meio de experiências passadas. Entretanto, muitas dessas informações com o tempo acabam se tornando fatos esquecidos na história do Brasil. Quando pensamos em Saúde Pública, logo vem informações de maior destaque como a Reforma Sanitária de Oswaldo Cruz

ou até mesmo questões de urbanização de Pereira Passos na cidade do Rio de Janeiro. Porém, demais histórias acabam sendo ofuscadas.

O que poucos sabem é que o País também obteve papel destaque e mostrou competência a lidar com um tema bastante complicado devido a gravidade e as condições as quais aconteceram que foi a Pandemia de Gripe Espanhola no século XX. O Brasil tomou a dianteira nessa situação por meio das Forças Armadas, principalmente o Exército. Não somente em território nacional, mas também montou estratégias de atuação no principal palco em que ocorria a Primeira Guerra

Afiliação dos autores: Discente do Curso de Medicina, Pró-Reitoria de Ciências Médicas, Universidade Severino Sombra, Vassouras-RJ, Brasil; Docente do Curso de Medicina, Pró-Reitoria de Ciências Médicas, Universidade Severino Sombra, Vassouras-RJ.

*Endereço para correspondência: Universidade Severino Sombra, Av. Exped. Oswaldo de Almeida Ramos, 280 - Centro - Vassouras, RJ - CEP 27700-000. email: c1303aline@yahoo.com.br

Recebido em: 19/08/2016 Aceito em: 26/10/2016.

Mundial, em terras europeias. Uma atuação de tal magnitude trouxe conhecimentos que repercutem até hoje na forma a qual lidamos com a saúde da população, mas o fato histórico vem sendo esquecido. As pessoas que tiveram envolvidas nessa luta merecem ser lembradas exatamente por sua importância e mérito, além de ser uma forma de aprendermos ainda mais e reproduzirmos esse conhecimento. Por fim, destacar a importância da atuação da Medicina Militar frente ao surto da Gripe Espanhola.

Material e Métodos

Este estudo consiste em uma revisão sistemática bibliográfica tendo como base a literatura por meio da consulta de trabalhos científicos do banco de dados da BIREME, SCIELO e LILACS. Para seleção dos artigos nos endereços eletrônicos não foi delimitado data de publicação ou língua, sendo a última busca realizada em julho de 2016.

No uso do banco de dados foram utilizados como base os respectivos termos como palavras-chaves: Exército Brasileiro e gripe espanhola. Para a seleção dos estudos, foi usado como critério de seleção os artigos visassem principalmente o âmbito de saúde pública e epidemiologia. Dos 19 (dezenove) itens obtidos com tais características, 10 (dez) foram selecionados para elaboração desta releitura crítica.

Resultados e Discussão

No início do Século XX, em meio ao cenário devastador da Primeira Guerra Mundial, um grande número de pessoas foi acometido por uma situação ainda mais mortal e devastadora que a própria guerra: a Gripe (BERTUCCI-MARTINS, 2003; GURGEL, 2014).

O conflito armado, em território europeu, começou no primeiro dia de agosto do ano de 1914 e terminou em 11 de novembro de 1918. Nesses quatro anos, estima-se um total de 10 milhões de mortos em combate, porém dados revelam que, no mesmo período, 40 milhões de pessoas faleceram em decorrência da pandemia de gripe espanhola (BERTUCCI-MARTINS, 2003).

Em uma situação em que poderosos armamentos de guerra assombavam a vida da população, o vírus *influenza* foi a prova de que um ser visto em microscopia (ANDRADE *et al.*, 2009; TOMES, 2010) poderia ser imbativelmente mais fatal (BYERLY, 2010). Militares e civis enfrentavam uma ameaça dupla, uma decorrente do conflito e outra considerada quase que invisível para as tecnologias e conhecimentos médicos da época (CZERESNIA, 2005).

Historicamente, o primeiro registro sobre o vírus foi descrito por Hipócrates em 412 a.C. Segundo o relato, um contingente elevado de pessoas faleceu em poucas semanas por um acometimento respiratório

(ANDRADE *et al.*, 2009; SOUZA, 2008). Não muito diferente, em março de 1918 noticiou-se na França o surto de uma enfermidade que de imediato alastrou-se nas mais diversas trincheiras, com manifestações de dispneia que duravam poucos dias.

Por conta disso, a Primeira Grande Guerra foi também conhecida como a “Guerra das Trincheiras”. Essas trincheiras foram abertas por todo território europeu, sendo ocupadas por milhares de soldados durante meses, favorecendo o contágio (BYERLY, 2010). Os soldados que adoeciam eram retraídos para a retaguarda, ajudando a propagar a doença. Somando-se a isso, a concentração da população civil em abrigos de refugiados e a destruição da estrutura de saneamento foram outros agravantes.

Direcionando para Saúde Coletiva, pesquisadores chegaram a considerar essa realidade caótica como o Maior Holocausto Médico da História. A Guerra foi um fator determinante para mudar a qualidade de vida, predispondo as pessoas adoecerem, piorando o quadro social. A clínica da gripe espanhola muito se assemelhava a da própria gripe comum, tendo como destaque a febre, dor de cabeça, dores pelo corpo, mal-estar geral, tosse e coriza (ANDRADE *et al.*, 2009).

O contágio rápido ocorria por meio de aerossóis originados do espirro e tosse das secreções dos pacientes com infecção aguda, além do contato com roupas e objetos contaminados, ajudando a expandir os coeficientes de morbidade e mortalidade do surto. Os sintomas rapidamente se disseminaram pelas fronteiras de todo o globo, acometendo países da América do Sul, África e até mesmo da Oceania. Em razão da gravidade, era frequente encontrar nas ruas cenas de cadáveres sendo queimados ou de enterros coletivos (TRILLA, A.; TRILLA, G., DAER, 2008).

Por mais que os países estivessem preparados para enfrentar uns aos outros, ninguém estava preparado para se proteger do adoecimento. Nos casos do início de 1918, a maior parte dos pacientes se recuperou, ocasionando poucas baixas. Entretanto, em agosto do mesmo ano a situação tomou proporções sem precedentes. Aqueles que não sucumbiam em pouco tempo, agonizavam por conta de complicações associadas à pneumonia.

Com o fim da guerra em 1918, a velocidade de propagação foi consideravelmente reduzida (ANDRADE *et al.*, 2009) por conta das alterações nos fluxos migratórios dos exércitos mobilizados para combate (SOUZA, 2008) e até mesmo da migração dos próprios civis que, em fuga, buscavam sobreviver mais do que simplesmente melhorar a qualidade de vida.

Evidentemente, apesar da situação mais grave ter ocorrido em território europeu, milhares de pessoas morreram em pontos distantes dos conflitos, mesmo que sua nação não estivesse diretamente envolvida. Por conta da censura imposta à imprensa, devido à guerra, poucos foram os governos que divulgavam informações sobre a quantidade de óbitos. O principal a divulgar

informações foi a Espanha (BERTUCCI-MARTINS, 2003; BERTUCCI, 2009; TRILLA, A.; TRILLA, G., DAER, 2008). Isso foi importante a ponto da doença se chamar de Gripe Espanhola (na época também chamada de “febre dos três dias” (SOUZA, 2008)), mas esse fato não significa que foi o país que teve maior número de baixas (BERTUCCI, 2009).

Hoje sabemos que tais manifestações possuíam seus pilares epidemiológicos sustentados na precária qualidade de vida, no desconhecimento da forma adequada de tratamento, na falta de condições sanitárias satisfatórias, no fluxo de pessoas (BERTUCCI-MARTINS, 2003) e nas próprias características do vírus. A consequente pandemia foi um marco do poder de virulência do *Influenza* e da necessidade das pessoas de buscarem um modelo de saúde pública que pudesse não somente gerenciar melhor a situação, mas também combater. A elucidação dos mecanismos fisiopatológicos só foi obtida com o desenvolvimento aprofundado da virologia molecular anos depois.

Para compreender o envolvimento do país na Primeira Guerra, o Brasil foi oficialmente o único país latino-americano a participar desse conflito. Inicialmente se manteve numa posição neutra, entretanto, os crescentes desentendimentos diplomáticos culminaram na entrada brasileira na guerra. Por conta de conflitos relacionados ao rompimento das relações amistosas do Brasil com o Bloco Germânico, ocorreu o posicionamento nacional ao lado dos Países Aliados.

Entre os Países Aliados, a França se sobressaía devido às perdas de civis e militares, não só no campo de batalha, mas na derrota para gripe. Somando-se a isso, o adoecimento também trouxe vítimas dentro do território brasileiro, principalmente nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Recife. Nesses Estados, foram montados postos de atendimentos e hospitais improvisados, além da divulgação de propagandas para alertar à população sobre as condições ideais de higiene para uma boa prevenção (ANDRADE *et al.*, 2009). O Brasil, mesmo de início não estando envolvido, ele acompanhou o surto por meio da imprensa, configurando uma importante maneira de prevenção (BERTUCCI, 2009; SOUZA, 2008).

Outro ponto favorável ao Brasil foi que em muitos lugares, como o caso da Bahia, haviam estabelecido uma grande base de conhecimento médico por meio de estudos, pesquisas e trabalhos científicos sobre outros surtos e epidemias que ocorreram ao longo história brasileira e da história mundial. Isso foi muito importante para estabelecer medidas profiláticas de como lidar com essa tragédia na área da saúde (BERTUCCI-MARTINS, 2003; BERTUCCI, 2009).

Todo esse preparo foi um privilégio quando em comparação as outras nações. Na época, a França, um dos Países Aliados, estava sendo completamente devastada. O fato de o conflito ocorrer em seu próprio

território só fragilizava ainda mais seu exército e sua população, predispondo-os a serem mais prejudicados pelo vírus (ANDRADE *et al.*, 2009). De “Meca da Medicina”, por conta do turismo médico, os franceses passaram a presenciar um cenário de horror que se agravou em 1918.

Em meio a todo o caos, o Brasil prestou solidariedade ao buscar fornecer ajuda médica para os aliados acometidos por meio da Missão Médica Brasileira (BERTUCCI-MARTINS, 2003).

Ao sair da neutralidade, o país entrou na guerra carregando o emblema da medicina. Sua atuação na zona de conflito ocorreu com objetivo de prestar socorro a doentes e feridos.

As providências foram tomadas pelo Exército Brasileiro no ano de 1918, data em que a Gripe Espanhola teve seu pico de contágio. Essa ajuda foi particularmente direcionada à auxiliar o país francês que, na época, se desesperava com uma crise em sua saúde pública. No dia 18 de agosto desse mesmo ano, um grupo de brasileiros saiu em missão.

Ao todo, mais de cem profissionais foram comandados pelo médico Nabuco de Góvêia (BERTUCCI-MARTINS, 2003), na responsabilidade do general Napoleão Felipe Aché. Nesse grupo de militares havia farmacêuticos, enfermeiros, auxiliares, estudantes e médicos. Dos 29 médicos pertencentes ao corpo militar brasileiro, dois deles faleceram em missão. Além disso, outros profissionais do grupo também perderam a vida em um período muito curto de tempo por conta da gripe (BERTUCCI-MARTINS, 2003; SOUZA, 2008).

A principal função dessa equipe foi auxiliar parte da população civil e militar acometidas com sintomas do surto, apesar dos militares brasileiros estarem preparados para a realização de procedimentos como cirurgias de emergência. Eles dividiram-se em dois grupos, um que se encarregou pela montagem de um hospital brasileiro num antigo prédio que havia abrigado jesuítas em Paris (GURGEL, 2014), e o outro que foi enviado para diversas províncias francesas, servindo como forma de proteger a fragilizada retaguarda das Forças Armadas do Exército Francês.

O hospital foi montado às pressas em um período de um pouco mais de 1 (um) mês. Apesar disso, a organização e capacidade operacional de seus serviços era de grande qualidade. Por tal mérito, vários membros foram condecorados pelo governo francês, e essa unidade foi considerada uma das mais bem preparadas mundialmente para receber pacientes feridos. Em suma, a pandemia permitiu destacar a competência brasileira, tornando-a uma referência mundial na área da saúde.

O conhecimento e aprendizagem durante esse período do surto epidêmico foi uma dádiva para aqueles que trataram os doentes e para o legado da medicina como um todo (TOMES, 2010). Contudo, os médicos do setor de doenças contagiosas do hospital aos poucos

foram diversificando suas atividades com a redução da virulência da gripe.

Em 11 de novembro de 1918, foi declarado o fim da Primeira Guerra Mundial. Tal data coincidiu com a redução dos números de pessoas infectadas. A quantidade de mortos também diminuiu consideravelmente. Com menos doentes e menos pessoas feridas em combate, não havia mais interesse do governo brasileiro de manter parte do seu exército em atuação na Europa. Por isso, em fevereiro de 1919 foram encerradas as atividades da Missão Médica Brasileira na Primeira Guerra Mundial.

Quanto ao hospital no antigo prédio jesuíta, este funcionou até o fim da missão pelas mãos dos próprios militares que o inauguraram. Com a retorno destes ao Brasil, seis meses após a data, o governo brasileiro presenteou a França oferecendo à Faculdade de Medicina de Paris toda instalação hospitalar.

Esses marcos durante a Primeira Guerra se tornaram uma herança de valor inestimável. Atualmente, nas situações de calamidade que colocam em risco um montante considerável de pessoas, o Exército Brasileiro tende assumir a dianteira e intermediar, não só usando a força, mas com seu grito de saúde. Esse passado não deve ser esquecido, pois hoje há a atuação militar no gerenciamento de estratégias de saúde que visam o bem estar da população desde casos de doenças infectocontagiosas (combate à influenza H1N1 no grande surto de 2009 (MORENS *et al.*, 2010)), grandes desastres naturais (terremoto no Haiti em 2010) e até mesmo no controle da saúde de pessoas que vivem em lugares de conflito de fronteiras.

Considerações finais

Entrar em um dos combates mais importantes da humanidade por meio de medidas intervencionistas em uma das pandemias mais violentas da história foi um ato de coragem e honra para o Brasil. Na Missão Médica, o Exército Brasileiro atestou sua capacidade de operar e cuidar daqueles que precisam, acolhendoo nos momentos mais difíceis em que não há mais esperança de qualquer outra ajuda.

Mesmo após o centenário da Primeira Guerra Mundial em 2014, as histórias e prestígios da medicina militar permanecem ofuscados. Em suma, nossas Forças Armadas brilharam nos campos de batalha na Primeira Guerra e não foi por meio de armas. Por isso, tal mérito representou uma forma de se adentrar entre as nações que já eram referência no assunto de Saúde Pública (TOMES, 2010). Seja em 1918 ou nos dias atuais, existem provas fiéis que o País possui profissionais competentes para atuar em momentos de crise por meio de intervenções científicas e estruturais. A pandemia foi a prova que para a medicina, saúde não há fronteiras.

Referências

- ANDRADE, Cláudia Ribeiro de et al. Gripe aviária: a ameaça do século XXI:[revisão]. **J. bras. pneumol**, v. 35, n. 5, p. 470-479, 2009.
- BERTUCCI-MARTINS, Liane Maria. Conselhos ao povo”: educação contra a influenza de 1918. **Caderno Cedex**, v. 23, n. 59, p. 103-117, 2003.
- BERTUCCI, Liane Maria. Gripe A, uma nova” espanhola”?. **Revista da Associação Médica Brasileira**, v. 55, n. 3, p. 230-231, 2009.
- BYERLY, Carol R. The US Military and the Influenza Pandemic of 1918—1919. **Public health reports**, p. 82-91, 2010.
- CZERESNIA, Dina. Influenza, a medicina enferma: ciência e práticas de cura na época da gripe espanhola em São Paulo. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 21, n. 5, p. 1614-1616, 2005.
- GURGEL, Cristina B. F. M. 1918: A missão médica brasileira na Europa. **Boletim da FCM**, v. 9, n. 7, p. 1, 2014.
- MORENS, David M. et al. The 1918 influenza pandemic: lessons for 2009 and the future. **Critical care medicine**, v. 38, n. 4 Suppl, p. e10, 2010.
- SOUZA, Christiane Maria Cruz de. The Spanish flu epidemic: a challenge to Bahian medicine. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 15, n. 4, p. 945-972, 2008.
- TOMES, Nancy. “Destroyer and Teacher”: Managing the Masses During the 1918—1919 Influenza Pandemic. **Public Health Reports**, p. 48-62, 2010.
- TRILLA, Antoni; TRILLA, Guillem; DAER, Carolyn. The 1918 “Spanish flu” in Spain. **Clinical infectious diseases**, v. 47, n. 5, p. 668-673, 2008.